

Exmo. Presidente da Assembleia Municipal de Baião Dr. Armando Fonseca,

Exmo. Presidente da Câmara Municipal de Baião, Dr. Paulo Pereira;

Exmos. Vereadores da Câmara Municipal de Baião,

Exmos. Presidentes das Juntas de Freguesias;

Exmo. Porta-voz do Partido Socialista;

Exmos. Deputados Municipais;

Exmos. Presidentes das Assembleias de Freguesias e restantes elementos,

Exmos. Representantes das diversas associações e instituições do concelho,

Prezadas e Prezados concidadãos,

Dia 24 de Março de 2022 marcou o momento em que a democracia ultrapassa os anos da ditadura, ou seja, neste momento o país já viveu mais dias em liberdade do que em ditadura.

Se por um lado, podemos olhar para este facto como um mero soundbite, por outro é premente que isto nos faça refletir no caminho que tem sido trilhado por Portugal e pelos portugueses, nestes tempos áureos de democracia.

Voltemos então a 1974 e à revolução dos cravos, aquele “dia inicial inteiro e limpo, Onde emergimos da noite e do silêncio, E livres habitamos a substância do tempo”. O dia em que os heróis valentes desta nação puseram fim a uma ditadura que corrompia e estagnava Portugal.

Desde a preparação do golpe de estado, à sua execução e até a criação de um programa, a ação do MFA – Movimento das Forças Armadas, foi fulcral para a implementação das profundas mudanças que Portugal viveu entre 1974 e 1975. Mudanças essas assentes em 3 objetivos principais, o "fim da guerra colonial; luta contra o poder absoluto do capital monopolista; conquista das liberdades democráticas" que levou aos chamados "três Dês" do seu programa: "[Descolonizar](#), Democratizar, Desenvolver", que todos nós recordaremos de ter aprendido na escola.

Como forma de balanço e ao fim de 48 anos em liberdade e democracia, a questão central e fulcral da celebração do dia de hoje é perceber se estes três objetivos definidos pelas Forças Armadas, foram verdadeiramente cumpridos, cumprindo-se então o 25 Abril.

Três meses após o fim do Estado Novo, pela “Lei da Descolonização” Portugal reconhecia o direito dos povos à autodeterminação, incluindo a aceitação da independência dos territórios ultramarinos, que deixavam de ser constitucionalmente parte do território português.

E assim, a descolonização, com as suas virtudes, erros, equívocos e consequências, foi efetivamente cumprida, da forma que foi possível dado os tempos revolucionários que vivíamos.

Se nos debruçarmos agora sobre o objetivo Desenvolvimento, numa primeira análise, o Portugal pré 25 de abril, era um país castrador de sonhos, julgador das nossas opiniões e de portas fechadas para o Mundo, onde a educação e o conhecimento eram secundarizados em detrimento do analfabetismo, da precariedade e da pobreza. Assim, a Revolução dos Cravos é um momento definidor do país que queremos alcançar e foi o gatilho para o início da prosperidade económica e social à igualdade de género e gerações.

A resposta parece então simples, quando confrontados com o raio-x do país que tínhamos antes do 25 de abril: Na saúde A taxa de mortalidade infantil caiu drasticamente, passando dos 77,5 para as 2,4 mortes por mil nascimentos e o número de médicos por 100 mil habitantes aumentou drasticamente de 94 para mais de 550 médicos. Na educação, em 1970, 25,7% da população era analfabeta e hoje andarás próximo dos 5%, demonstrativo também que na mesma época apenas 15 mil crianças frequentavam o ensino pré-escolar, sendo que nos dias de hoje, falamos já em 300 mil crianças, fazendo assim com que o número de professores passasse de 50 mil para cerca de 150 mil à data de hoje.

A nível económico, entre 1970 e 2020, passámos de um PIB per capita de 6 para 18 mil. Poderíamos falar ainda da eletricidade que chega às nossas casas ou ao aumento da cobertura da rede de água e saneamento, que apesar de não ser total e ser absolutamente essencial nos dias que correm, é demonstrativo das diferenças abismais entre o pré e o pós 25 de abril.

Estes são apenas alguns dados que comprovam que o desenvolvimento que os capitães de abril sonharam, foi verdadeiramente possível com o 25 de abril, no entanto, Portugal tem vindo a perder a senda do desenvolvimento.

Se há 20 anos, as economias do antigo bloco de lestes, eram muito pobres e com um nível de riqueza que era metade da média europeia e o PIB português era cerca do dobro da Estónia, Lituânia e Letónia, volvidos 20 anos países como a Estónia, Lituânia, República Checa ou Eslovénia, ultrapassam Portugal na riqueza gerada por habitante. Será apenas uma questão de tempo para que a Romênia, país mais atrasado da EU em 1995, ultrapasse também Portugal.

Assim, Portugal divergiu significativamente da UE durante estes últimos 20 anos, apesar das dezenas de milhares de milhões de euros de fundos europeus recebidos durante este período como forma de estímulo à convergência com a UE, que não se verificou e nos deve servir de alerta para os fundos que se avizinham, para que não se repita o mesmo fado.

A maioria absoluta socialista que nos governa agora deve encarar o desenvolvimento económico e social do país como uma urgência a que não pode virar a cara, não descurando as reformas que o país tanto necessita. Façamos desta maioria absoluta uma oportunidade: que os governantes estejam à altura dos desafios colocados e a oposição seja farol no escrutínio da ação de quem governa.

Relembro mais uma vez, tal como no ano passado, as palavras do Presidente da República, num aviso aos governantes que deve estar patente na nossa atuação enquanto atores políticos: “ É inconcebível que, no quinquagésimo aniversário de abril, não se possa dizer que somos um país mais desenvolvido e mais justo.”

Faltam 2 anos. Estaremos a cumprir Abril?

Passemos então ao último objetivo de Abril, a Democratização. Democratizar pressupões abrir a gestão da coisa pública e do coletivo à voz e à vontade livremente expressa dos cidadãos, o que até ali era impossível. Assim, a 25 de abril de 1976 realizaram-se as primeiras eleições para a Assembleia ,por sufrágio verdadeiramente universal, com uma afluência histórica de 91% dos cidadãos recenseados. Dez meses depois do início dos seus trabalhos, a Assembleia Constituinte aprovaria a Constituição de 1976 e em dois anos, aconteceram atos eleitorais que elegeram deputados para a Assembleia Constituinte, para a Assembleia da República, um Presidente da República e autarcas.

A 30 de janeiro de 2022, fomos mais uma vez chamados a cumprir Abril, exercendo de forma livre e democrática o nosso direito de voto. Longe das taxas de afluência de 75, a abstenção materializa o desapego e talvez a desilusão de muitos, que deixaram de acreditar no sonho de abril.

Ao longo dos tempos, os partidos políticos tiveram um forte peso no processo de democratização. Se a eles compete zelar pela nossa democracia, são também eles que devem todos os dias lutar pela saúde da mesma.

Não posso deixar de frisar a atuação de um dos partidos fundadores da democracia portuguesa, que arrogantemente se advoga o dono do 25 de abril e que perante ataques cruéis e desumanos à soberania e à liberdade de um país, apoia o opressor e nega o que está á vista de toda gente.

«O vosso povo vai daqui a nada celebrar o aniversário da Revolução dos Cravos e sabem perfeitamente o que estamos a sentir” afirmou o Presidente da Ucrânia, no discurso que realizou no parlamento Português, enfatizando que há muito mais o que nos une e assim, é nossa obrigação, condenar veementemente a invasão da Ucrânia, fazendo tudo o que está ao nosso alcance para os ajudar.

Estaremos a cumprir Abril?

Há cerca de um mês, em um estudo realizado pela Universidade Católica, inferiu-se que apesar de os portugueses considerarem o 25 de abril como uma data importante, apenas 8% dos inquiridos manifesta publicamente a sua relação com o 25 de Abril através de celebrações públicas, enquanto 28% dizem celebrar a data “em privado”. 20% do total considera ser “um dia normal” e 27% assume que é aproveitado “o feriado para lazer ou descanso”.

Estaremos a cumprir Abril?

Em 48 anos de Abril acertámos em muito e falhámos noutro tanto. Mas este País já não é de 1974. Cumprir Abril não é passado. É presente e futuro, é obra que passa de geração em geração, de avós para netos, de pais para filhos. Aos erros cometidos no passado, temos de somar vitórias no presente. A responsabilidade é nossa. E dos nossos filhos e das gerações futuras.

É impossível negar que, em relação ao ponto de partida, os três D estão cumpridos, mas depois de analisarmos friamente, os 3 “Ds” não estão totalmente alcançados, exceto a descolonização. Há que ambicionar muito mais.

O 25 de abril começou em 74, reforçando-se em novembro de 1975. O desenvolvimento e a democracia são valores pelo qual vale a pena lutar todos os dias, são valores pelo qual vale a pena viver todos os dias.

Volvidos mais dias em democracia do que em ditadura, a maturidade democrática do nosso país, deve fazer-nos refletir: Se não queremos que os nossos jovens assumam o 25 de abril como um feriado para lazer ou descanso, precisamos de efetivamente cumprir os 3 Ds de Abril.

Não existem donos da democracia. Todos temos o direito de orgulhosamente empunhar os nossos cravos. O 25 de abril é dos que lutaram contra a ditadura, dos que consolidaram a democracia e dos que continuam a lutar por um regime que promove a igualdade social e de gênero, que combate a pobreza, que garante educação, saúde e segurança para todos e que respeita a individualidade de cada um.

Citando Salgueiro Maia, “Meus senhores, como todos sabem, há diversas modalidades de Estado. Os estados socialistas, os estados capitalistas e o estado a que chegámos. Ora, nesta noite solene, vamos acabar com o estado a que chegámos!”

Cumpra-se Abril.

Viva o 25 de abril!

Viva a liberdade!

Viva Baião!

Viva Portugal!